



# Greve na USP acaba sem o reajuste exigido

Com enfraquecimento do movimento, funcionários e docentes decidiram encerrar a paralisação, mesmo sem obter principais reivindicações

**Categoria conseguiu reajuste menor e melhorias periféricas, como aumento do vale-alimentação; readmissão de sindicalista não foi atendida**

TALITA BEDINELLI  
DA REPORTAGEM LOCAL

Funcionários e docentes da USP decidiram ontem encerrar a greve, iniciada há 57 dias pelos servidores e que em 5 de junho ganhou a adesão de professores e estudantes.

Os funcionários não conseguiram as principais reivindicações (reajuste de 16% e readmissão de um sindicalista). Conseguiram apenas melhorias periféricas —como aumento do vale alimentação.

Nos últimos dias, a paralisação, já restrita a apenas algumas unidades da universidade, vinha perdendo força. A participação nas assembleias, por exemplo, caiu. No auge do movimento, logo após confronto com a polícia, 400 professores e 500 funcionários participaram das reuniões, em maio.

Ontem, estavam presentes nas assembleias 120 professores (de um total de 5.000) e 300 funcionários (de um total de 15 mil). Em ambas as reuniões, foram menos de cinco votos contrários ao fim da greve.

A direção do Sintusp (sindicato dos funcionários) defendeu a suspensão do protesto por entender que não teria mais pedidos contemplados e que poderia perder alguns dos pontos apresentados pela reitoria, como a não punição dos manifestantes nem corte do ponto pelos dias parados.

“As reivindicações fundamentais não foram atendidas. Faltou um pouco de mobilização nas demais universidades [Unesp e Unicamp]”, disse

**As reivindicações fundamentais não foram atendidas. Faltou um pouco de mobilização nas demais universidades [Unesp e Unicamp]. Mas houve vitórias. Mostramos que falta democracia na USP**

MAGNO DE CARVALHO  
diretor do Sintusp (sindicato dos funcionários da USP)

Magno de Carvalho, diretor do sindicato —parte das reivindicações era unificada. “Mas houve vitórias. Mostramos que falta democracia na USP e colocamos o ensino a distância no debate”, completou.

Os grevistas pediam mudança no sistema de escolha para reitor e fim dos cursos a distância (cuja implantação foi adiada). Chegaram também a exigir a renúncia da reitora Suely Vilela, o que não ocorreu.

A reitoria ofereceu aumento de 6,05%, mesmo percentual apresentado desde a primeira reunião, em maio. O reajuste solicitado pelos funcionários foi considerado inviável.

Segundo a universidade, se o reajuste fosse concedido, a folha de pagamentos passaria a representar 92,4% do orçamento, contra os atuais 87,2%.

Sobre a readmissão do sindicalista Claudionor Brandão, afirmou que o caso tem de ser apreciado pela Justiça (ele foi demitido no final do ano passado por justa causa). Além disso, houve reajuste de benefícios.

Acusada de falta de diálogo durante o processo, a reitoria disse ontem em nota que “a comissão da reitoria promoveu, desde março, reuniões com representantes dos servidores técnico-administrativos, em que foram revisados e debatidos todos os itens da pauta de reivindicações”.

Até a conclusão desta edição, os estudantes estavam reunidos em assembleia e ainda não haviam definido se também sairiam da greve.

## Confronto

O auge dos protestos ocorreu no início de maio, após manifestantes e policiais entrarem em confronto dentro da Cidade Universitária. Dez pessoas ficaram feridas no episódio.

A PM afirma que foi provocada; os grevistas dizem que faziam manifestação pacífica.

A força policial foi chamada pela reitoria para evitar que grevistas bloqueassem a entrada de prédios. As opiniões na universidade se dividiram em relação à atuação da PM: por meio de manifesto, 38 dirigentes apoiaram a medida, e nove a condenaram. Estudantes criaram grupos para protestar contra a paralisação.

A paralisação teve mais força na FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) e na ECA (Escola de Comunicação e Artes).



Leonardo Wen/Folha Imagem

Funcionários da USP votam pelo fim da greve, em assembleia realizada em frente ao prédio da reitoria da universidade, em SP

## O QUE FOI DEFINIDO

Docentes e servidores da USP encerraram greve após acordo com a universidade

### O QUE ERA PEDIDO

#### SALARIAIS

- » Funcionários pediam reajuste de 16% (6% de reposição da inflação do último ano e 10% de reposição de perdas históricas)
- » Também exigiam aumento de R\$ 200, para diminuir a desigualdade salarial

#### POLÍTICAS

- » Readmissão do ex-funcionário Claudionor Brandão, que é da diretoria do Sintusp e, segundo o sindicato, foi demitido por atividade sindical
- » Fim de processos administrativos contra estudantes e funcionários que participaram de greves anteriores

#### EDUCACIONAIS

- » Fim da Univesp (Universidade Virtual do Estado de São Paulo), que deve ter sua primeira prova no próximo semestre para cursos de graduação a distância

### O QUE FOI ACERTADO

- » USP concedeu reajuste de 6,05% aos servidores, mesmo percentual que vinha oferecendo desde o começo das negociações
- » Aumento de R\$ 200 não foi concedido
- » A universidade aumentou valores de benefícios, como o vale-alimentação

- » USP não vai readmitir o ex-funcionário
- » Não punirá os grevistas, mas não vai acabar com os processos administrativos contra participantes de greves anteriores
- » Não haverá corte de ponto de funcionários que fizeram greve

- » Curso a distância foi suspenso na USP. Unesp, entretanto, vai manter as graduações

## Reposição de aulas ainda será definida

DA REPORTAGEM LOCAL

A assessoria de imprensa da USP informou ontem que a pró-reitoria de graduação irá contatar as unidades da universidade para definir o calendário de reposição das aulas.

Oficialmente, as férias do meio do ano começaram no último sábado. Ainda não está definido se haverá atividades de reposição neste mês.

A reitoria afirma que os professores não terão os dias descontados do salário, pois haverá reposição.

Em nota, a Adusp (sindicato dos docentes) disse que “haverá reposição dos conteúdos, com qualidade, conforme a especificidade de cada curso e unidade”.